

O FASCISMO COMO PERVERSÃO DO HETEROGÊNEO REFLEXÕES A PARTIR DE BATAILLE

Rafael Burgos¹

FASCISM AS PERVERSION OF THE HETEROGENEOUS: A Reading of Bataille

EL FASCISMO COMO PERVERSIÓN DE LO HETEROGÉNEO: Reflexiones a partir de Bataille

RESUMO

A partir da crítica singular de Georges Bataille ao fenômeno da homogeneização, o artigo² apresenta alguns dos pilares teóricos de seu pensamento, com olhar para a ambivalência que, segundo o filósofo francês, caracteriza o campo heterogêneo. À luz de seu clássico estudo sobre o fascismo, partimos da leitura de que a extrema direita se apropria de forças heterogêneas para mobilizar as massas rumo ao poder. Com o auxílio de autores da psicanálise, bem como de estudos clássicos sobre o fascismo, o artigo resgata a importância do pensador francês para pensar as ambivalências e contradições próprias à extrema direita contemporânea.

Palavras-chave: Fascismo; Heterogêneo; Bataille; Extrema Direita.

ABSTRACT

Based on Georges Bataille's unique critique of the homogenization, the article presents some of the theoretical pillars of his thought, with an eye to the ambivalence that, according to the French philosopher, characterizes the heterogeneous field. In light of his classic study on fascism, we begin by suggesting that the far-right appropriates heterogeneous forces to mobilize the masses towards power. With the help of authors from psychoanalysis, as well as classic studies on fascism, the article recovers the importance of the French thinker to highlight the ambivalences and contradictions of the contemporary far-right.

Key words: Fascism. Heterogeneous. Bataille. Far-right.

RESUMEN

A partir de la singular crítica de Georges Bataille al fenómeno de la homogeneización, el artículo presenta algunos de los pilares teóricos de su pensamiento, analizando la ambivalencia que, según el filósofo francés, caracteriza el campo heterogéneo. A la luz de su clásico estudio sobre el fascismo, partimos de la lectura de que la extrema derecha se apropia de fuerzas

¹ Email: burgossrafael@gmail.com

² Parte das reflexões deste artigo resultam da minha dissertação de mestrado, com o título “Bolsonarismo como revolta infamiliar: a estética do estranhamento em memes no Twitter” (Burgos, 2023), na qual explorei a apropriação inquietante pela extrema direita de discursos e estéticas da revolta. Ainda, uma versão preliminar do artigo foi apresentada oralmente no IX Encontro do GT Deleuze e Guattari: Arte e Política, realizado no Rio de Janeiro, de 16 a 20 de outubro de 2023. Agradeço aos participantes pelas reflexões propostas.

heterogêneas para mobilizar a las masas hacia el poder. Con la ayuda de la psicoanálisis, así como de estudios clásicos sobre el fascismo, el artículo destaca la importancia del pensador francés para estudiar las ambivalencias y contradicciones propias a la extrema derecha contemporánea.

Palabras clave: Fascismo. Heterogêneo. Bataille. Extrema derecha.

Introdução

Com seus escritos acerca de temas como o sagrado e o profano, o heterogêneo e a sociedade de produção, Georges Bataille (1897-1962), ao longo de sua trajetória, construiu um sólido e autêntico quadro teórico que influenciou variados autores, desde a psicanálise lacaniana até, principalmente, o pós-estruturalismo, em figuras como Michel Foucault (1926-1984), Gilles Deleuze (1925-1995), dentre outros.

Sob o ponto de vista das chamadas psicologias do fascismo, Bataille também se consolidou por ter sido, junto com Wilhelm Reich (1897-1957), um dos primeiros pensadores a mobilizarem o quadro teórico freudiano para investigar a política de massas de Hitler e Mussolini. Para os propósitos deste artigo, pretende-se enquadrar a obra de Bataille em uma tradição de autores que, à sua maneira, se debruçaram sobre uma mesma perplexidade: a sedução das massas pelo fascismo.

Nesse sentido, o artigo mobiliza o quadro teórico batailleano, conectando-o a investigações contemporâneas a respeito do movimento fascista, para pensar as contradições e ambivalências mobilizadas pela extrema direita, seja no fascismo histórico como em suas tendências contemporâneas.

Começamos por apresentar um quadro geral do pensamento de Bataille, com foco na sua economia do gasto improdutivo. Feita essa exposição, podemos esclarecer como os conceitos de homogêneo e heterogêneo aparecem em sua obra para, em seguida, ampliarmos a reflexão a respeito do heterogêneo, com foco em sua essência antiutilitária e, portanto, contrária à sociedade de produção.

Essa reflexão nos levará, diretamente, ao clássico artigo de Bataille sobre a estrutura psicológica do fascismo, a partir do qual defendemos a leitura do fascismo enquanto *perversão do heterogêneo*. Por fim, estabelecemos um diálogo com a psicanálise e com alguns estudiosos

da extrema direita a fim de reforçar a ambivalência que caracteriza o movimento fascista, sem a qual a mobilização do heterogêneo em prol do homogêneo não teria sido bem-sucedida.

Uma economia do gasto improdutivo

Para Bataille, o homem, tal qual as demais espécies animais, dispõe de uma maior quantidade de energia do que é necessário para a sua sobrevivência. Esse é, possivelmente, o princípio-chave de toda a obra do filósofo francês, sendo, portanto, crucial para guiar a nossa reflexão. Dessa afirmação se segue que a questão econômica fundamental das sociedades consiste na alocação dessa energia excedente.

À diferença de povos antigos como os astecas, a sociedade industrial capitalista, para Bataille, é movida pela lógica da produtividade, que privilegia a austeridade e, portanto, visa à máxima redução de suas perdas (Bataille, 2013, p. 64). Nesse sentido, a ocorrência de grandes catástrofes como as guerras modernas estaria ligada a esse mal emprego das energias excedentes por parte da sociedade capitalista. Esses conflitos são, para Bataille, nada mais do que “as maiores orgias de riqueza - e de seres humanos - já registradas pela história” (Ibid, p. 56).

Movida pela ambição de crescimento e de conservação, a sociedade capitalista, como frisa o pensador, responde ao princípio da utilidade, que é estranho à esfera do desejo, íntima da destruição, do gasto, do excesso. Em Bataille, vemos que a utilidade

tem teoricamente como finalidade o prazer - mas somente sob uma forma moderada, pois o prazer violento é tido como *patológico* - e se deixa limitar, por um lado, à aquisição (praticamente à produção) e à conservação dos bens e, por outro, à reprodução e à conservação das vidas humanas. (Ibid, p. 15)

É com base nessa crítica fundamental à lógica utilitarista da sociedade de produção que Bataille formula a sua teoria revolucionária, que se distingue do marxismo tradicional, precisamente, por deslocar o enfoque no trabalho para o âmbito do “dispêndio improdutivo” (Ibid.), em que o princípio da utilidade é abolido em nome do privilégio a “atividades que têm em si mesmas o seu fim” (Bataille, 1985, p. 62). Trata-se de afirmar, em última instância, a vida enquanto “perda exuberante” (Bataille, 2017, p. 258).

O homogêneo e o heterogêneo

Para operar segundo o princípio da utilidade e perseguir os seus objetivos de crescimento e conservação, a sociedade da produção funciona a partir do domínio do homogêneo, ou daquilo que estabelece um princípio comum, um fim a partir do qual os sujeitos desta sociedade, assim como as atividades por eles exercidas, podem realizar-se enquanto *meio*, afinal, no terreno do homogêneo,

cada elemento deve ser útil para o outro sem que a atividade *homogênea* possa atingir a forma de atividade *válida em si mesma*. Uma atividade útil tem um *denominador comum* com outra atividade útil, mas não com uma atividade *para si*. (Bataille, 1985, p. 138)

Para Bataille, é o dinheiro, figura central da sociedade homogênea, que permite a sua operação, já que, através dele, esse denominador comum é estabelecido (Ibid. p. 138). Trata-se de compreender, afinal, como no campo do homogêneo a existência humana adquire uma forma limitada, obedecendo a uma lógica em que

cada homem vale pelo que ele produz; em outras palavras, ele deixa de ser uma existência *para si*: ele é não mais do que uma função, organizada dentro de limites mensuráveis, de produção coletiva (o que o torna uma existência voltada a *algo outro de si mesmo*). (Ibid, p. 138)

Pensar uma sociedade que esteja baseada na negação do princípio da utilidade se confunde com valorizar o heterogêneo em detrimento do homogêneo. É no domínio do heterogêneo, equivalente ao que expusemos no capítulo anterior como o campo do gasto improdutivo, da recusa da utilidade, que reside, para Bataille, uma alternativa verdadeiramente revolucionária. Segundo Safatle (2019),

contra toda essa sociedade do trabalho, Bataille quer apelar a tudo o que ela compreende como excessivo, tudo capaz de mobilizar um gozo que não se confunde com o cálculo do prazer e desprazer e, principalmente, toda ação social que aparece como improdutivo. (Safatle, 2019, p. 63)

À diferença da homogeneidade, o heterogêneo tem em sua marca a ambivalência. Por ser irredutível à lógica do trabalho, o heterogêneo corresponde, para Bataille, ao sagrado tal qual compreendido pelas religiões primevas: o duplo lugar da transcendência e da impureza. O mundo heterogêneo, como bem descreve Safatle (Ibid, p. 63), está “preso entre a glória e a decadência, entre o puro e o impuro”.

A constituição da civilização ocidental cristã se confunde, para o pensador francês, com um recalçamento dessa ambivalência constitutiva do heterogêneo, já que a dimensão do sagrado, no cristianismo, perde “a sua representação heterogênea e é absorvida, como ‘valor elevado’, numa homogeneidade repressora do heterogêneo” (De Aquino, 2013, p. 382). Dessa forma, o projeto de Bataille se confunde com uma busca por recuperar a dimensão recusada do heterogêneo, em toda a sua impureza.

Fascismo, ‘Real’ e heterogeneidade

Por exigir, constantemente, um movimento de exclusão dos elementos heterogêneos, o domínio do homogêneo, que, em alusão à psicanálise, pode ser equiparado ao terreno da consciência, está fundado numa miragem, a pretensão de domínio do inconsciente. É dessa impossibilidade fundamental, como ressalta Bell (2020), que decorre a sua precariedade constitutiva. A homogeneidade é precária porque, afinal de contas, “está sempre sujeita a ser desvirtuada por dentro ou violentada por fora” (Ibid.).

Na elaboração batailleana acerca do heterogêneo, podemos ver, como bem frisou Rocha (2013), uma evidente aproximação com as conclusões que, posteriormente, Lacan (1988) faria a respeito do Real, enquanto figura do impossível, da transgressão, do gozo. O heterogêneo é, assim como o Real, aquilo que escapa ao simbólico, que pertence ao domínio do inconsciente. *Perturbar*, não à toa, é a gramática que une Bataille (2017, p. 42) à tradição lacaniana representada por Žižek (2016) em suas respectivas descrições acerca do heterogêneo e do Real³.

É nessa aproximação entre o Real e o heterogêneo que reside uma das chaves para compreender a análise de Bataille sobre o fascismo. Tal qual Badiou (2009), que descreveu os fenômenos autoritários do século XX à luz de uma “paixão pelo Real”, Bataille reconhece no fascismo uma mobilização de elementos heterogêneos sem a qual não seria possível compreender o seu apelo junto às massas.

³ Enquanto figura do heterogêneo, o erotismo, para Bataille, deve *perturbar* a vida descontínua em suas formas constituídas, mas nunca aboli-la por completo; de forma análoga, Žižek advoga, como prática revolucionária, um discurso que “toque/perturbe o Real” (Autor, 2021).

A heterogeneidade, na visão batailleana, possui algumas particularidades: remete à afetividade; irrompe como força exógena ao todo homogêneo; é própria ao domínio da violência, do excesso; exerce a sua presença como espécie de *choque* que parece operar, não no mundo das coisas, mas na experiência interior dos indivíduos (Bataille, 1985, p.143). Com base nessas características, os líderes fascistas devem ser vistos, de maneira incontestável, como “parte de uma existência heterogênea”, afinal

Em oposição aos políticos democráticos, que representam em diferentes países a platitude inerente à *sociedade homogênea*, Mussolini e Hitler imediatamente se destacam como coisa *outra*. Quaisquer que sejam as emoções que sua existência real como agentes políticos da evolução provoque, é impossível ignorar a *força* que os situa acima dos homens, dos partidos e até das leis: uma *força* que perturba o curso regular das coisas [...] (o fato de as leis serem quebradas é apenas o sinal mais óbvio da natureza transcendente e *heterogênea* da ação fascista). (Ibid, p.143)

Como vimos, o mundo heterogêneo é marcado por uma ambivalência, já que nele habitam tanto a impureza descartada pelo mundo homogêneo - na figura, por exemplo, dos miseráveis e dos fora da lei - como os componentes transcendentais, que acrescentam à repulsa o sentimento de fascínio. Para Bataille, seria esse, precisamente, o segredo do fascismo: apoderar-se da tal pureza heterogênea. O fascismo, fundamentalmente, faz um apelo a sentimentos “tradicionalmente definidos como elevados e nobres e tende a constituir a autoridade como princípio incondicional, situado acima de qualquer juízo utilitário” (Ibid, p.145).

No fascismo, o Duce e o Führer simbolizam a figura de um corpo sagrado, exterior ao corpo social, cuja autoridade residiria em sua mobilização da soberania. O soberano equivale ao heterogêneo, uma vez que, nesse domínio, a legitimidade do poder decorre das qualidades inatas ao líder, no *para si* propriamente heterogêneo, ao invés da submissão legal reivindicada por lideranças democráticas. Como mostra Safatle (Ibid, p. 65),

Bataille aproxima a soberania monárquica, da soberania religiosa e militar. Poder religioso e poder militar são as formas mais claras da soberania, no que Bataille se apropria das figuras freudianas da constituição das massas organizadas. O fascismo tenderia sempre a reunir todas essas figuras, reativando uma instância soberana latente.

Sem essa mobilização do heterogêneo, parece evidente, o fascismo jamais teria conquistado o apelo popular para chegar ao poder. Trata-se, em última instância, de compreendê-lo em sua ambivalência, como movimento que captura as chamadas energias excedentes da sociedade, performando uma ruptura com a sociedade homogênea tal qual desejava a maioria de seus seguidores.

Assim, não nos parece em vão, por exemplo, a curiosa experiência de Fiume, hoje equivalente à cidade de Rijeka, na Croácia. Cem anos atrás, em 1919, o território tornou-se palco de uma revolução liderada por Gabriele d'Annunzio, poeta italiano que estabeleceu, ali, uma cidade-estado reivindicando a anexação da região, então pertencente ao Império Austro-Húngaro, pela Itália. Embora tenha fracassado politicamente, a legião de d'Annunzio entrou para a história como precursora do fascismo italiano ao fornecer um arsenal simbólico e estético, tendo emprestado a Benito Mussolini alguns de seus principais slogans.

No entanto, Fiume também figura nos registros como símbolo de libertação artística e sexual, alimentada por um espírito jovem que transformava as ruas da cidade num carnaval, como relata o jornal italiano *Corriere della Sera*⁴. A *città di vita* (cidade de vida, em português), como ficou conhecida, corporifica a ambivalência inscrita no coração do fascismo - de como a mobilização de um desejo libertário, ou mesmo revolucionário, está no âmago de sua máquina de violência.

Em sua obra clássica sobre o fascismo, Mosse (1999, p.140) nos apresenta uma passagem ilustrativa a esse respeito, na figura do programa “Beauty of Work”, que conjugava a transcendência heterogênea com a produtividade da sociedade homogênea. Tal programa

modernizou a linha de montagem e a fábrica, mas ao mesmo tempo cercou o local de trabalho com símbolos nacionais, construindo salões comunais e as chamadas salas sagradas em que a nação poderia ser venerada. Música, brincadeira e exercícios físicos passaram a fazer parte do local de trabalho.

Eis uma boa ilustração de como se deu a perversão do heterogêneo, ou de como o Estado autoritário fascista se constituiu, não apenas por meio da repressão, mas também pela

⁴ Ver: https://www.corriere.it/cultura/19_settembre_12/d-annunzio-fiume-azione-ambigua-libertaria-ma-anche-intollerante-foto-28bfa28c-d159-11e9-be10-239c488c3af6.shtml.

mobilização dos mesmos desejos que, em outra circunstância, poderiam ter sido dirigidos contra o status quo produtivo. Como bem resume Ribeiro (2020, p. 47),

em uma perspectiva batailliana, o fascismo vai além de um mero regime autoritário: ele se constitui em uma forma de exercer a heterogeneidade através do homogêneo para aniquilar grupos que já traziam em seu repertório histórico a marca da perseguição, conservando, assim a base das estruturas homogêneas de exclusão e assujeitamento.

A revolta na ordem: sobre a ambivalência fascista

Em seu clássico comentário ao ensaio *A mobilização total*, do filósofo alemão Ernst Jünger, Benjamin (1986) expressa a sua perplexidade com o que classifica como um “misticismo da guerra”. Na concepção de Jünger, o culto à guerra aparece sob forma de transcendência, desvinculado de motivações propriamente econômicas. “O século em que se luta, por que ideias e com que armas são coisas secundárias” (Benjamin, 1986, p.130), eis a afirmação que motivou a reprimenda de Benjamin.

Tal visão aparece em outras passagens do ensaio de Jünger, como, por exemplo, em seu ataque ao determinismo econômico marxista, razão pela qual essa corrente teórica seria incapaz de compreender a substância fundamental da mobilização total.

Quando somos confrontados com esforços de tal amplitude, quer eles se expressem em construções poderosas, como nas pirâmides e nas catedrais, quer eles se expressem em guerras que fazem vibrar até o último nervo da vida - esforços nos quais se imprime a marca da falta de finalidade - aí, justamente, é que nós não conseguimos nos arranjar com as explicações econômicas, mesmo que elas pareçam tão lógicas. Isso também é a razão pela qual a escola do materialismo histórico é capaz de tocar apenas na superfície do processo (Junger 1960, p. 199).

No substrato da visão de Jünger, reside a heterogeneidade inerente às mobilizações guerreiras, em que o *lutar*, deslocado dos ditames da sociedade homogênea, torna-se um fim em si mesmo. Como diz Bataille, “de fato, a guerra sempre oscilou entre o primado da observação das regras que correspondem à preocupação com um fim válido em si mesmo, e o do resultado político esperado” (Bataille, 2017, p. 101).

Ainda que, nos anos seguintes à publicação do ensaio em questão, Jünger tenha denunciado o nazismo em seu país, não se pode negar que a sua concepção antiutilitária da

guerra também está no cerne da mobilização fascista. Em sua recuperação da análise do Estado nazista feita por Franz Neumann, Safatle (2020), destaca o caráter de guerra permanente que teria sido uma marca distintiva do fascismo. Segundo ele, a guerra fascista não foi uma guerra de conquista, ou seja, uma mobilização *para um fim*; ao contrário, a guerra, enquanto forma, teria sido a única maneira viável para estabilizar as forças heterogêneas que compunham o fascismo.

É nesse sentido que podemos compreender, por exemplo, a clássica análise de Deleuze e Guattari, que consiste em dissociar o fascismo dos totalitarismos. À diferença destes, o fascismo consistiria na captura do Estado por uma máquina de guerra. Nesse movimento, prevalece não a lógica de preservação econômica da sociedade homogênea, mas uma pulsão destrutiva que tende, em última instância, à autodestruição (Deleuze; Guattari, 1996, p. 104).

Semelhante leitura é proposta por Adorno em seu célebre texto *Propaganda fascista e anti-semitismo* (1946), bem como na conferência *Aspectos do novo radicalismo de direita* (1964), em que o filósofo alemão parece perseguir, a todo instante, a ambivalência de que falamos acima. Ao analisar discursos de Hitler, por exemplo, Adorno aponta a recorrência da imagem do “tiro na própria cabeça” (1964, p. 394), que expressaria, de forma alegórica, a promessa de catástrofe já visível no discurso hitleriano, bem como de agitadores fascistas em rádios, os quais, conforme Adorno (1946), expunham o desejo de unir horror e beleza.

É este o sonho do agitador: a união de horror e beleza, o delírio do extermínio mascarado de salvação. A esperança mais forte que pode existir para efetivamente fazer frente a todo esse tipo de propaganda consiste em apontar suas implicações auto-destrutivas. O desejo psicológico de auto-aniquilação reproduz fielmente a estrutura de um movimento político que, derradeiramente, transforma seus seguidores em vítimas.

Daí a importância de, como insiste Safatle, evidenciar a faceta ambivalente do fascismo, já que esse fenômeno

não é exatamente o culto da ordem, o fortalecimento da estrutura binária da norma e de suas formas de controle. Há algo em seu interior que se assemelha a essas dinâmicas libertárias de linha de fuga, a esses fluxos moleculares que paradoxalmente são fundamentais para processos de singularização. Mais uma vez, encontramos a ideia de que há algo que necessariamente aproxima o fascismo de um processo revolucionário efetivo (Safatle, 2019, p. 85).

Esse mesmo caráter ambivalente do fascismo está no cerne das mais de mil e quatrocentas páginas de análise de Bernardo (2018), que define o fenômeno como “a revolta na ordem”, ou “a revolta no interior da coesão” (Bernardo, 2018, p. 13). Tal articulação pode ser encontrada, de forma semelhante, num texto clássico de Reich (1988), em que o psiquiatra austríaco adverte, a respeito do fascismo, que ele não é “como geralmente se crê, um movimento exclusivamente reacionário, mas sim um amálgama de sentimentos de revolta e ideias sociais reacionárias” (Reich, 1988, p. 12).

Num comentário recuperado por Bernardo, um ex-membro das falanges - movimento fascista espanhol - exprime certa perplexidade ao descrever essa conjunção de ordem e revolta, enfocando a estética fascista como aquela que “permitiria chamar revolução a uma operação de polícia e, o que é mais grave, vivê-la espiritualmente como se o fosse” (Ibid, p. 1120). É nessa experiência estética de uma ordem vivenciada como revolta que o heterogêneo aparece enquanto vivência do *excesso*, a experiência limite da qual falou Bataille.

A essa experiência limite corresponde o sublime, que, tal qual descrito por Bernardo, “consistia na indissociabilidade do terror e do prazer” (Ibid, p. 1170), descrição que remete à figura do gozo para a psicanálise lacaniana e, de igual modo, à experiência heterogênea do erotismo em Bataille. Em sua análise do fascismo, o sublime aparece, para Bernardo, como elemento central na estética burguesa do século XIX, que foi recuperada pelo fascismo em seu imaginário catastrofista. Para essa estética, “só importava a vida aventureira, a vida sentida como a possibilidade sempre iminente da morte” (Ibid. p. 1171), novamente a experiência limite que o heterogêneo privilegia.

“Sou Ardito orgulhoso e forte / não treme no meu peito o coração / sorrindo prefiro seguir rumo à morte / do que rumo à desonra”, gritavam os jovens soldados da revolução mussoliniana, como reportado por Scurati (2019, p. 235). Nesse grito, reside o ethos de “conservadores na prática e radicais no espírito”, como bem resumido por Bernardo (Ibid, p. 24). Permanecemos no domínio do heterogêneo, aquele em que habita o cansaço com a sociedade homogênea ou, nas palavras de Virilio (1999, p. 32), o “horror compartilhado frente à cotidianidade”.

Considerações finais

Com base na reflexão proposta neste artigo, espera-se contribuir com os estudos acerca do fascismo, fundamentalmente, à luz de sua ambivalência, já que, recorrendo novamente a Bernardo (Ibid, p. 9), nele não se encontra “uma genealogia própria e exclusiva, como se encontra para o conservadorismo, o liberalismo ou o socialismo”, mas um “cruzamento destas três grandes correntes políticas”.

Levando em conta a ascensão contemporânea da extrema direita, é crucial estabelecer um ponto de divergência com interpretações que reduzem o movimento fascista ao puro âmbito do homogêneo e da ordem capitalista. Por meio da noção de uma *perversão do heterogêneo*, objetiva-se dar conta dessa ambivalência, chamando atenção para a faceta desejante do fascismo, para a energia revolucionária por ele mobilizada, tal qual ressaltado por toda uma tradição de autores, alguns dos quais trabalhados no artigo.

À luz do atual momento histórico, resgatar essa interpretação batailleana resulta, também, numa melhor compreensão acerca das atuais manifestações neofascistas que tomam corpo ao longo do mundo, e que têm hoje no Brasil um ator central. Analisá-las a partir de Bataille implica reconhecê-las no âmbito de seu apelo junto às massas. O fascismo, definitivamente, não é produto do engano ou da manipulação, mas um tributo, por parte da ordem, à magia da revolta.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. **Propaganda fascista e anti-semitismo**, 1946. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/Theodor_Adorno_-_Propaganda_fascista_e_anti-semitismo_1946_.htm?1349568169. Acesso em: 18 set. 2022.

ADORNO, T. **The Authoritarian Personality**. Minnesota: Wiley, 1964.

BADIOU, A. **El siglo**. Ediciones Manantial: Buenos Aires, 2009.

BATAILLE, G. **Visions of excess: Selected writings, 1927-1939**. U of Minnesota Press: Minneapolis, 1985.

BATAILLE, G. **A parte maldita, precedida de “A noção de dispêndio”**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. 2. ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013

BATAILLE, G. **O erotismo**. Tradução de Fernando Scheibe - 1. ed.; 2. reimp - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BELL, S. Bataille on Psychological Structure of Fascism | Shannon Bell. **Critical Theory**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=O9Y6qNt09_0. Acesso em: 6 nov. 2021.

BENJAMIN, W. **Documentos de cultura, documentos de barbárie**. Cultrix: São Paulo, 1986.

BERNARDO, J. **Labirintos do fascismo** - Na encruzilhada da ordem e da revolta (terceira versão, revisada e aumentada). 2018.

BURGOS, Rafael. Perturbando o Real: política e ideologia em Slavoj Žižek. *Leitura Flutuante*, v. 13, n. 2, p. 95-106, 2021.

BURGOS, Rafael. Bolsonarismo como revolta infamiliar: a estética do estranhamento em memes no Twitter. Dissertação de Mestrado, **Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, 2023.

DE AQUINO, J. E. F. **O Heterogêneo e o gasto improdutivo**: a crítica da homogeneização em Georges Bataille. *Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)*, 20(33), 375-390. 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Micropolítica e segmentaridade. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. v. 3. São Paulo: Editora 34, 1996. p. 76-106.

JÜNGER, E. A mobilização total. **Natureza humana**, v. 4, n. 1, p. 189-216, 2002.

LACAN, J. **Seminário 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar, 1988.

MOSSE, G. **The fascist revolution** - toward a general theory of fascism. Howard Fertig: New York, 1999.

REICH, W. **Psicologia de Massas do Fascismo**. Tradução de Maria da Graça M. Macedo. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

RIBEIRO, V.G.R. **SIGMUND FREUD, WILHELM REICH E GEORGES BATAILLE**: um estudo histórico-conceitual sobre as psicologias do Fascismo no Entreguerras. Monografia (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

ROCHA, A.T. O caso Bataille: o homogêneo versus o heterogêneo (I). **Escola Brasileira de Psicanálise**. Disponível em: <https://www.ebp.org.br/old/o-caso-bataille-o-homogeneo-versus-o-heterogeneo-i/>. Acesso em: 3 dez. 2021.

SAFATLE, V. **Psicologias do Fascismo**. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

SAFATLE, V. **Para além da necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020.

SCURATI, A. M, **o filho do século**. Editora Intrínseca: Rio de Janeiro, 2019.

VIRILIO, P. **La inseguridad del territorio**. Buenos Aires: La Marca, 1999.



ŽIŽEK, S. A necessidade de atravessar a fantasia. **LavraPalavra**. Disponível em: <https://lavrpalavra.com/2016/02/03/a-necessidade-de-atravesar-a-fantasia/>. Acesso em: 5 dez. 2021.